



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2015
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Semiótica Crítica e a Ambiência no Cinema de Fluxo
<b>Autor</b>	LENNON PEREIRA MACEDO
<b>Orientador</b>	ALEXANDRE ROCHA DA SILVA

Título do trabalho: Semiótica Crítica e a Ambiência no Cinema de Fluxo

Autor: Lennon Macedo

Orientador: Alexandre Rocha da Silva

Instituição de ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A crítica cinematográfica francesa dos anos 2000, notadamente a revista *Cahiers du Cinéma*, a partir de textos de Stéphane Bouquet (2002b) e Jean-Marc Lalanne (2002), identificou no cenário contemporâneo um novo movimento na história do cinema - o Cinema de Fluxo. Um movimento iniciado no final dos anos 1980, o Cinema de Fluxo não se caracteriza por um traço de estilo, mas por "um comportamento do olhar" (OLIVEIRA JR., 2013, p. 8), um convite a uma "contemplação assignificante do mundo" (ibid, p. 13). Este cinema não se preocupa em amarrar significados, mas construir ritmos, atmosferas e ambiências. Essas descrições feitas a respeito do Cinema de Fluxo, que Luiz Carlos Oliveira Jr. elabora em *A mise en scène no cinema* (2013), são analisadas semioticamente nesta pesquisa à luz das Teorias das Materialidades (Gumbrecht) e das Ambiências (McLuhan). O objetivo, aqui, é compreender como as materialidades do cinema podem ser agenciadas para tornar visível uma dada ambiência.

Metodologicamente, realizamos uma investigação mais profunda acerca das materialidades dos meios utilizando conceitos desenvolvidos por Hans Ulrich Gumbrecht na sua principal empreitada, a Teoria das Materialidades. Gumbrecht analisa obras literárias a partir de suas atmosferas, *Stimmungen* (2012) e, principalmente, presenças (2007, 2011). Para Gumbrecht, a presença se produz através de "eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos objetos 'presentes' sobre corpos humanos" (2011, p. 13). Esta presença, que coloca as coisas do mundo ao alcance das nossas "percepções sensoriais imediatas" (2007, p. 50), é ontologicamente diferente daquilo a que chamamos de sentido ou significado (2012). Assim, é na dimensão da presença que estudamos as materialidades do cinema.

Também realizamos uma pesquisa bibliográfica para compreender o conceito de Ambiência a partir da teoria de Marshall McLuhan sobre os meios. Para McLuhan, "toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo" (2007, p. 10). Portanto, pensar a ambiência a partir de McLuhan é pensar a partir do meio - cinema - enquanto tecnologia e linguagem. Levando-se em conta que "o meio é a mensagem" (2007, p. 21), o segundo passo metodológico foi não partir dos filmes, mas do próprio cinema enquanto meio material.

Dentre os muitos filmes identificados com o Cinema de Fluxo, escolhemos *Café Lumière* (2003), de Hou Hsiao-hsien, e *Elefante* (2003), de Gus Van Sant. Nestes filmes é possível identificar que a paisagem sonora e a colocação dos corpos no espaço são parte fundamental para a caracterização da ambiência, evidenciando uma afinidade maior com a presença da matéria fílmica do que com a hermenêutica da interpretação.

Esta pesquisa faz parte de um projeto mais amplo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC), chamado "Semiótica Crítica: por uma teoria das materialidades na comunicação". Buscamos, aqui, refletir acerca da potência material do cinema em sua criação de ambiências, contribuindo para o subprojeto "Materialidades da Comunicação e os Meios".